

SEÇÃO DE LIVROS

No terceiro ano da Primeira Guerra Mundial, o irremediável impasse em que se encontravam a Alemanha e os Aliados foi rompido por um extraordinário golpe de inteligência. Quando a Sala 40, uma seção supersecreta do Serviço de Informação Naval da Grã-Bretanha, interceptou e decifrou uma mensagem em código enviada pelo Ministro das Relações Exteriores da Alemanha a seu embaixador em Washington, foi pôsto à mostra um erro alemão de colossais proporções, que redundou na relutante entrada dos Estados Unidos na guerra. A maneira como a Grã-Bretanha deu êsse golpe de contra-espionagem e tirou proveito dêle é provavelmente uma história de *suspense* sem paralelo nos tempos modernos.



O TELEGRAMA DE ZIMMERMANN

CONDENSAÇÃO DO LIVRO DE

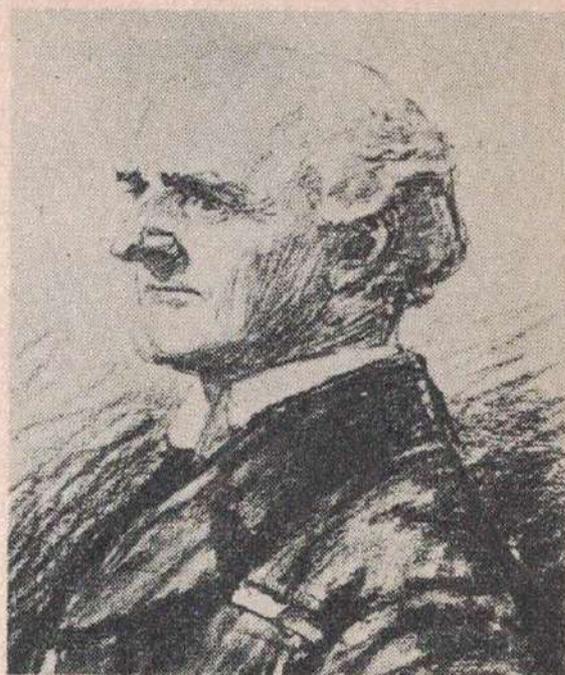
BARBARA TUCHMAN

O TELEGRAMA DE ZIMMERMANN

A PRIMEIRA mensagem interceptada no quarto da manhã foi um radiograma alemão de tamanho excepcional. Além de sua extensão, o oficial de serviço no Serviço de Informação Naval do Almirantado não notou coisa alguma de incomum no radiograma ao mandá-lo para uma sala interior para ser decifrado. Era o dia 16 de janeiro de 1917, passada a primeira metade de uma guerra que já contava 30 meses de fútil carnificina.

Na sala mais interna, a mais secreta em Whitehall embora estivesse disfarçada sob o nome inocente de "Sala 40", trabalhavam dois civis que tinham revelado dotes notáveis para a criptografia. Um deles era William Montgomery, um erudito reverendo de 46 anos, alto e grisalho; o outro, Nigel de Grey, de 31 anos, um jovem assistente de uma casa editôra. Nenhum dos dois sabia que tinham em mãos a chave que decidiria a guerra.

Naquele terceiro inverno de guer-



Almirante Sir Reginald Hall

OS QUE serviram com William Reginald Hall recordam-no como "um dínamo humano de olhos penetrantes" . . . "um notável capitão" . . . "um brilhante julgador de caráter". Ele era conhecido nas Forças Armadas pela dedicação que inspirava aos seus homens—e pela franqueza que lhe conquistou irreconciliáveis inimigos nos altos escalões. Filho de um oficial de Marinha, começou cedo a desafiar as convenções, ao casar-se quando era

ra a sorte não favorecia a Inglaterra. As espantosas perdas no Somme—60 000 baixas britânicas num único dia, e mais de um milhão, entre aliados e inimigos, numa batalha de cinco meses—não tinham resolvido nada. A Linha Hindemburgo continuava intata. Tôda a guerra se tinha

apenas tenente; apesar de detestar conformismos, teve promoções rápidas e chegou a capitão aos 35 anos.

Profundamente religioso, foi o primeiro comandante a instalar uma capela num navio. Em 1913, comandando o nôvo cruzador *Queen Mary*, viu que a guerra contra a Alemanha era inevitável e adotou medidas preparatórias. Uma delas foi estabelecer o sistema de três turnos de guarda, para diminuir a tensão nos longos períodos de sobreaviso—sistema que mais tarde foi adotado em tôda a Marinha Britânica.

Tornou-se diretor do Serviço de Informação Naval dois meses após o início da guerra, ficando desta forma encarregado de um departamento que fôra dirigido por seu pai, 27 anos antes. O caso do telegrama de Zimmermann foi apenas uma das muitas e brilhantes façanhas que lhe valeram título de nobreza. No fim da guerra, chegou mesmo a ser lembrado como futuro Ministro das Relações Exteriores.

Seus inimigos fizeram com que

êle fôsse privado de ulteriores recompensas por seu trabalho na Marinha e seu nome nem apareceu nas Listas de Honra de pós-guerra.

Hall reformou-se em 1919 e tornou-se membro do Parlamento, primeiro como representante de Liverpool, depois por Eastbourne. Faleceu em 1942; aos 73 anos.

Seu discurso de despedida da Marinha, em 1919, bem demonstra sua personalidade quanto a assuntos internacionais. “Agora temos de enfrentar um inimigo muito mais impiedoso”, disse êle, “um inimigo com muitas cabeças, cujo poder se espalhará por todo o mundo. Êsse inimigo é a Rússia.”



Medalha de Cavaleiro Comandante da Ordem de São Miguel e S. Jorge

resumido nisto: regimentos destrôçados um depois do outro, sem que nenhum dos lados obtivesse uma vantagem estratégica. Por seu turno, os franceses estavam exaustos; os russos, morrendo; a România, a última a entrar do lado dos Aliados, já arruinada e invadida.

E o inimigo não estava em melhor situação. Os alemães, embora ocupassem grande parte da Europa, viviam numa dieta de batatas, recrutando jovens de 15 anos e apelando para providências cada vez mais duras, com o fim de conseguir mais resistência e sacrifícios na fren-

te interna e na vacilante Áustria.

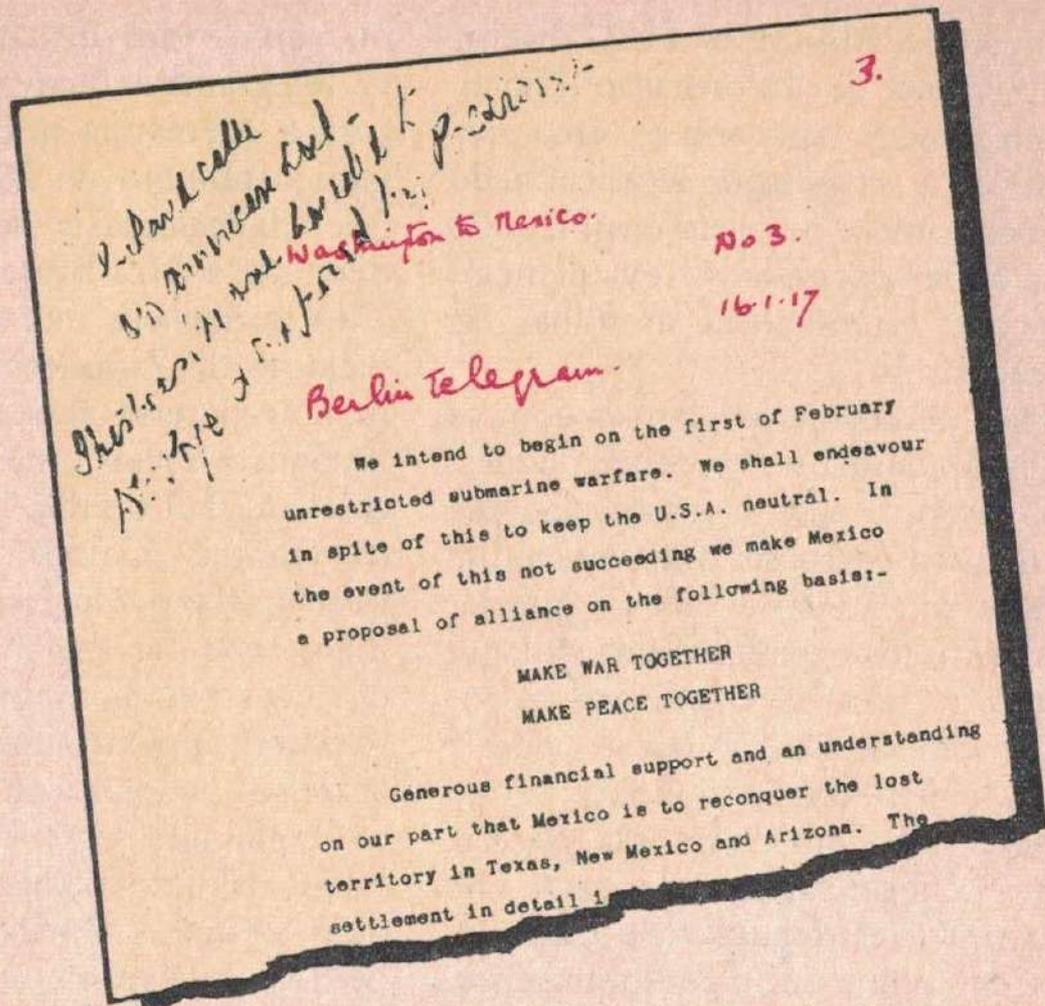
Montgomery e Grey leram atentamente a mensagem interceptada, com suas colunas de números dispostos em grupos de três, quatro e cinco algarismos. Eles aguardavam mais correspondência volumosa entre Berlim e Washington sobre negociações de paz—a meta sonhada pelo Presidente Woodrow Wilson. Decidido a fazer parar a guerra, era cego à completa indisposição de ambas as partes em transigirem. Berlim mantinha-o falando para mantê-lo na neutralidade. Essa conversa desesperava os Aliados. Não era o papel de mediador o que eles desejavam que os Estados Unidos assumissem, desejavam, isto sim, a sua força repousada, intata. Armas, dinheiro, navios, homens—tudo o que faltava aos Aliados encontrava-se na América.

Grey notou o primeiro grupo de números encabeçando a mensagem—13 042, uma variante do código diplomático alemão 13 040. Montgomery abriu o cofre e dele retirou um exemplar do código alemão e um segundo livro contendo tôdas as informações que a Sala 40 reunira sobre as variantes desse código, após trabalhosa pesquisa de centenas de mensagens interceptadas. Trabalhando com êsse material, logo certificaram-se de que a mensagem era firmada por “Zimmermann”—nome do Ministro das Relações Exteriores da Alemanha—e se destinava ao Embaixador alemão em Washington, Conde Bernstorff.

Contavam encontrar uma mensagem de rotina quando lhes apareceu uma palavra inesperada: “México”. Procurando imaginar o que poderiam os alemães dizer a respeito do México, prosseguiram com maior interesse, decifrando a palavra “aliança”, e, depois, com estupefação, “Japão”, a qual se encontrava repetida numa frase que dizia “nós e o Japão”. Seria possível que o Japão, uma das potências aliadas, estivesse mudando de lado? Imediatamente os dois criptógrafos renovaram seu ataque. Depois de duas horas, e apesar de algumas lacunas na seqüência, chegaram a uma versão inteligível.

A MENSAGEM interceptada continha dois telegramas separados. O primeiro, dirigido a Bernstorff, informava-o de que a Alemanha tencionava voltar à guerra submarina “sem restrições”, decisão que os Aliados esperavam e temiam havia meses. “Sem restrições” significava que os submarinos alemães iriam afundar, sem aviso prévio, todo navio inimigo ou neutro que fôsse encontrado em zonas de guerra. Essa informação deveria ser entregue ao Governo dos Estados Unidos em 31 de janeiro, véspera da entrada dos torpedos em ação.

O segundo telegrama era muito mais extenso, consistindo em 155 grupos de código. Marcado “Ultra-Secreto”, destinava-se à “informação pessoal” de Bernstorff, e devia ser levado “por via segura” a von Eckhardt, ministro alemão no México.



Cópia do Telegrama de Zimmermann pertencente ao Almirante Hall—com as anotações dêle a lápis—decifrado pela Embaixada dos Estados Unidos. O original emoldurado encontra-se no Almirantado, pendurado na parede da que foi noutro tempo a Sala 40

Grande parte do telegrama resiste à decifração imediata, mas mesmo o texto incompleto era surpreendente:

TENCIONAMOS COMEÇAR EM 1º DE FEVEREIRO A GUERRA SUBMARINA SEM RESTRIÇÕES. PROCURAREMOS MANTER NEUTROS OS ESTADOS UNIDOS . . . EM CASO CONTRÁRIO PROPOREMOS UMA ALIANÇA NAS SEGUINTE BASES: CONDUÇÃO (CONJUNTA) DA GUERRA, CONCLUSÃO (CONJUNTA) DA PAZ . . . AO MESMO TEMPO NEGOCIAR ENTRE NÓS

E O JAPÃO . . . POR FAVOR INFORME O PRESIDENTE (DO MÉXICO) QUE . . . NOSSOS SUBMARINOS . . . COMPELIR A INGLATERRA A PEDIR PAZ DENTRO DE POUCOS MESES. CONFIRME RECEBIMENTO. ZIMMERMANN.

Os decifradores mal podiam acreditar no significado da mensagem, pois evidentemente revelava um plano para levar a guerra às proximidades dos Estados Unidos, envolvendo o México e o Japão no conflito do lado alemão. Isso merecia a

atenção do Almirante Hall, diretor do Serviço de Informação Naval. Montgomery apressou-se em procurá-lo, e regressou acompanhado de um homem pequeno e rubicundo e de andar decidido. Grey, silenciosamente, estendeu-lhe as fôlhas rabiscadas.

Hall percorreu as páginas com os olhos rapidamente. Percebeu no mesmo instante que a posse daquela mensagem podia ser a alavanca que levaria os Estados Unidos à guerra. Se assim fôsse haveria um milagre oportuno, pois só o milagre da intervenção norte-americana poderia agora neutralizar o iminente perigo submarino. Com efeito, ela poderia até já chegar demasiado tarde. Se os alemães conseguissem o que pretendiam com os seus submarinos, matariam de fome os Aliados antes que os Estados Unidos pudessem mobilizar, treinar e transportar um exército para ajudá-los.

Hall sabia há vários meses que a guerra submarina sem restrições se aproximava, pois o submarino não fôra concebido para o papel cavalheiresco que o Presidente Wilson lhe atribuía. Pedir que êle viesse à tona e avisasse antes de atacar, tornando-se um alvo imóvel se sua prêsa decidisse atirar primeiro, tornava absurda a sua função. O Almirante Hall sabia que os alemães tinham acatado as restrições pedidas por Wilson apenas porque não dispunham de submarinos bastantes para forçar a situação. Desde então os estaleiros de Kiel vinham fabrican-

do submarinos de dia e de noite. O telegrama indicava que nessa altura a Alemanha já devia ter atingido o número de 200 submarinos, que ela calculava necessários para derrotar a Grã-Bretanha.

O perigo era mortal. As últimas palavras de Zimmermann, "compelir a Inglaterra a pedir paz dentro de poucos meses", não eram brincadeira, e Hall o sabia—a não ser que os Estados Unidos entrassem em guerra. Mas o telegrama de Zimmermann poderia dar à Grã-Bretanha os meios para conseguir que os norte-americanos saíssem repentinamente de sua neutralidade.

Os alemães pretendiam manter os Estados Unidos ocupados do seu lado do Oceano Atlântico, incitando o México e o Japão a atacá-los. Isso os manteria ocupados, mesmo que êles respondessem com uma declaração de guerra à ameaça submarina. Era uma jogada muito sagaz—e subestimava fatalmente o gabarito do Serviço de Informação Aliado. Isso porque os alemães estavam certos de que seu código, tendo sido concebido por cérebros alemães, era inviolável, e vinham-no usando sem alterações desde o primeiro dia da guerra. Mas tôdas as mensagens alemãs estavam sendo captadas nos ares e lidas na Sala 40.

Êsse trabalho era difícil, e no telegrama de Zimmermann havia um trecho de 30 grupos de algarismos dos quais os decifradores não tinham conseguido extrair nenhum significado. Êles não podiam imaginar que

o trecho continha o material mais explosivo da mensagem. Sòmente depois de várias semanas de trabalho paciente e sem descanso êles descobriram que, naquela passagem, a Alemanha prometia ajudar o México a “reaver por conquista seus territórios perdidos no Texas, Arizona e Nôvo México”.

Mas até mesmo a mensagem incompleta decifrada naquele primeiro dia era suficientemente importante para fazer Hall lamentar a necessidade de informar o Ministério das Relações Exteriores. Êle detestava compartilhar os êxitos da Sala 40 com quem quer que fôsse, com mêdo de que o mais leve sussurro chegasse ao exterior e alertasse os alemães. Nesse momento êle se via a braços com o angustioso problema que sempre atormenta o criptógrafo: como poderia êle utilizar suas informações sem revelar que conhecia o código?

Defrontados por tal problema, já houve casos de exércitos que deixaram de avisar seus próprios soldados sôbre os movimentos do inimigo quando tal aviso poderia revelar conhecimentos que sòmente teriam sido obtidos através da posse do código inimigo. Como poderia o telegrama de Zimmermann ser revelado aos norte-americanos sem igualmente se revelar como fôra obtido?—perguntava-se Hall. Êles não acreditariam no telegrama apenas pela informação britânica. Fariam perguntas inconvenientes. Se os alemães soubessem que a Sala 40 tinha

descoberto o código, jamais voltariam a utilizá-lo, e com isso perderia sua utilidade um delicado sistema de escuta, cuidadosamente arquitetado durante dois anos e meio.

QUANDO a guerra principiara, a primeira ação ofensiva da Grã-Bretanha fôra silenciar os cabos transatlânticos alemães. Um por um, os cinco cabos alemães que passavam pelo Canal Inglês tinham sido levantados do fundo do mar e cortados pelo navio inglês *Telconia*. Quando foi cortado também o cabo instalado entre a África Ocidental e o Brasil, a Alemanha viu-se desprovida de comunicação cabográfica com o resto do mundo. A partir de então, um grande volume de comunicações passou a ser feito de Nauen, a potente emissora alemã nas vizinhanças de Berlim. Mas ninguém pode impedir que um inimigo capte mensagens telegráficas no ar, e por isso foi criada a Sala 40 para desincumbir-se dessa tarefa.

Foi instalada uma sede improvisada no subsolo do Almirantado e, sob o mando do Almirante H. F. Oliver, como diretor do Serviço de Informação Naval, foram instaladas na costa inglesa estações de escuta com ligação direta para o Almirantado. Solicitou-se aos radioamadores que pesquisassem e dessem informações sôbre sinais alemães. Criptógrafos, recrutados entre pessoas das mais diversas procedências, puseram-se a tentar decifrar as mensagens alemãs interceptadas.

Êles descobriram que, quando os alemães utilizavam um código, geralmente o disfarçavam sob uma cobertura de cifras, isto é, cifravam o próprio código. Um código baseia-se em substituições escolhidas arbitrariamente; em 1944, por exemplo, "Overlord" era a palavra-código para "Invasão da Normandia". Um código utiliza letras ou números para representar outras letras ou números, de acordo com um sistema preestabelecido.

Os alemães trocavam a "chave" de seu código cada 24 horas. Mas, como bons alemães, trocavam-na de acordo com um sistema ordenado, o qual, uma vez resolvido pelos criptoanalistas da Sala 40, poderia ser novamente resolvido, seguindo-se um sistema de variações preestabelecidas e constantes.

Em 13 de outubro de 1914, houve um golpe de sorte inesperado. Através da Embaixada Russa, um oficial do estado-maior do Almirantado Russo fez a entrega de um embrulho pequeno e pesado, que continha um livro-chave do código naval alemão. Pertencera ao cruzador leve *Magdeburg*, que dois cruzadores russos tinham destruído no Golfo da Finlândia. Quando os russos recolhiam os marinheiros alemães que nadavam no mar, também içaram para bordo o cadáver de um sinaleiro, cujos braços rígidos ainda agarravam o livro de código. Êle tinha sido morto no momento em que pretendia inutilizá-lo. Com bom senso e uma generosidade rara, os russos

concluíram que o código seria mais bem utilizado pelo Almirantado Britânico, e mandaram-no para Londres. A relíquia salgada do *Magdeburg* não só dava as colunas de palavras em que se baseava o código, mas também fornecia a chave do sistema de cifras segundo o qual o código variava periodicamente. As duas coisas constituíam a chave fundamental da criptografia alemã.

Em novembro, o Almirante Oliver foi promovido a Chefe do Estado-Maior, e seu lugar foi ocupado pelo Capitão William Reginald Hall, vindo diretamente do passadiço de um cruzador e bem conhecido por suas tendências pouco ortodoxas. Seu primeiro ato, que pareceu inócuo, foi transferir a equipe do Serviço de Informação Naval do principal edifício do Almirantado para o prédio vizinho, conhecido como o "Edifício Velho." Aí, distante do ruído e dos visitantes, havia um grupo de salas; penetrava-se nelas pela sala de número 40. Embora mais tarde a equipe se transferisse para sede mais ampla, o nome da Sala 40, Edifício Velho—tão indiferente que jamais despertou curiosidade—ficou ligado à operação durante a guerra inteira e adquiriu fama no mundo criptográfico desde então. Na época em que o telegrama de Zimmermann foi interceptado, trabalhavam na Sala 40 cerca de 800 operadores de telegrafia e aproximadamente 70 criptógrafos e auxiliares.

Hall não conhecia criptografia, mas sabia ver as crescentes oportunidades que os peritos da Sala 40

abriam no combate aos alemães. Por isso logo ampliou os horizontes iniciais do Serviço de Informação Naval, e decidiu ir de encontro às conspirações alemães em qualquer lugar do mundo. Penetrava em todos os antros de espionagem, até que nenhum dêles se sentisse distante de seus dedos ambiciosos.

A Scotland Yard, seguindo os rastros de espões alemães, descobriu que Hall a estava ajudando. A Censura esbarrava com êle, o mesmo acontecendo com o Bureau do Bloqueio, o Ministério da Guerra e o Serviço Secreto. Em qualquer lugar em que se estivessem coligindo informações para enfrentar o inimigo, lá estava Hall. Onde quer que houvesse um lugar onde pudesse surgir algum problema, aí êle pôstava um agente ou estabelecia contato com um simpatizante dos Aliados.

Tôda essa atividade estava cuidadosamente disfarçada sob uma aparência de coisa rotineira, que levava a crer que o Serviço de Informação Naval não fazia outra coisa a não ser o que realmente lhe cabia—uns sujeitos simpáticos investigando os movimentos da esquadra alemã, localizando submarinos pela interceptação dos sinais por êles emitidos e fazendo levantamento de áreas minadas. Como isso, na verdade, era o que o grupo externo da Sala estava realizando, acabou servindo de perfeita cobertura para as atividades do grupo interno.

Os esforços para obter os vários códigos alemães, que Hall dirigia pes-

soalmente, foram repetidamente coroados de êxito. Em dezembro de 1914, uma arca de navio, revestida de ferro, que fôra içada na rêde de um barco pesqueiro inglê, oriunda de um contratorpedeiro alemão afundado, continha o exemplar do código utilizado por Berlim para comunicar-se com os adidos navais alemães no exterior. Outro êxito: quando o Serviço de Informação Aliado descobriu que um criptógrafo de confiança, que trabalhava na poderosa estação telegráfica alemã de Bruxelas, era tècnicamente cidadão britânico—embora de pais austro-húngaros, nascido em Croydon—Hall soube explorar essa particularidade. Uma carta mandada por um parente na Grã-Bretanha e a aplicação de outros meios persuadiram o relutante funcionário a roubar o código, copiando-o pedacinho por pedacinho, de maneira a poder ser transmitido a um agente belga.

Um golpe especialmente feliz foi desferido em 1915, quando Wilhelm Wassmuss, um exuberante alemão, que fôra durante alguns anos cônsul em Bushire, no Golfo Pérsico, se dedicou à grandiosa missão de atrair a Pérsia para a guerra, ao lado da Alemanha. Seu primeiro objetivo eram as tribos Bakhtiari, em cujos territórios passava o oleoduto da Anglo-Persian. Êle atravessou as cidades-empórios de Dizful e Shush-tar, conferenciando com os chefes tribais e distribuindo panfletos que os incitavam a uma guerra santa contra a Grã-Bretanha. Mas em Beh-

behan o *khan* local prendeu Wassmuss e mandou dizer aos ingleses de Bushire que fôsem buscá-lo. O destacamento britânico chegou tarde. O prisioneiro escapara, mas abandonara sua bagagem, que foi mandada para Londres.

Mais tarde, Wassmuss tentou reaver sua bagagem e fêz um estardalhaço tão desproporcional por causa dessa perda que acabou provocando suspeitas de que devia conter algo de valor extraordinário. E êsse era exatamente o caso. Encontrando-a nos porões do Ministério da Índia, a menos de três minutos a pé da Sala 40, Hall achou dentro dela, entre outras coisas, o código diplomático da Alemanha o código n.º 13 040. O n.º 13 040, como se descobriu depois, era um dos dois códigos empregados nas comunicações entre Berlim e Washington.

COM A AJUDA dêsse código, o Almirante Hall pôde conhecer os relatórios que Bernstorff mandava de Washington. Desde novembro de 1916 êsses relatórios haviam-se concentrado nos esforços de Wilson para induzir os combatentes a se entenderem. Evidentemente, os alemães não tinham intenções de levar a sério o papel dos Estados Unidos como mediadores. Com efeito, os planos dêles eram bem outros a respeito dêsse país.

A cronometria alemã que previa uma vitória rápida falhara quando a defesa do Marne interceptara seu exército a um pulo de Paris. Por volta de novembro já era inexistente

quando a desesperada defesa de Ypres lhes cortou o caminho para os portos franceses do Canal. Depois, tôdas as esperanças da "batalha decisiva" preconizada por Clausewitz se tinham desfeito na lama ensangüentada de Flandres, e a guerra estava paralisada ao longo de uma linha de trincheiras, dos Alpes ao Canal da Mancha.

Foi então que os Estados Unidos se tornaram crucialmente importantes dentro do esquema alemão. Para enfraquecer os Aliados era necessário cortar o fluxo de suprimentos da guerra de além-mar. Haveria maneira melhor do que envolver os Estados Unidos numa guerra absorvente com o México, ou o Japão, ou, melhor ainda, com ambos?

Era verdade que o Japão tinha declarado guerra à Alemanha em 23 de agosto de 1914, tendo então se apoderado da base naval alemã de Tsingtau, bem como das ilhas alemãs no Pacífico—Yap, Truk e outras dos arquipélagos de Marshall e das Carolinas, cujos nomes se tornariam famosos na guerra seguinte.

Mas naquela época já havia cessado a beligerância ativa do Japão, e a Alemanha acreditava que êle poderia ser convencido a mudar de lado. O Japão favorecia esta crença e não se importava que as ofertas alemãs chegassem aos ouvidos dos Aliados. Quanto maiores fôsem as dúvidas sobre a sua lealdade, mais alto preço pagariam os Aliados por ela.

Na Europa, um choque entre Estados Unidos e Japão era geralmente

considerado inevitável, opinião robustecida pelos irados protestos japoneses contra os Estados Unidos a propósito da sua exclusão da classe trabalhadora norte-americana, e também pelas repetidas informações a respeito das atividades clandestinas japonesas fornecendo homens e armas ao México. Num tal conflito presumia-se que o México seria a base para a invasão japonesa. Os 4 600 quilômetros de costa mexicana no Pacífico convidavam à ação naval, e as fronteiras do Norte tocavam em toda a extensão de 1 900 quilômetros o território que tinha sido do México. Os mexicanos alimentavam ressentimentos antigos contra seu poderoso vizinho do Norte. O México era, em suma, o calcanhar-de-aquiles dos Estados Unidos.

Além do mais, era um foco natural de perturbação. Mal o Presidente Wilson acabara de entrar na Casa Branca, teve de enfrentar uma grave crise no México. A revolução havia mergulhado o país numa guerra civil em que as facções rivais ameaçavam transformá-lo numa espécie de Balcãs latino-americana. Tentando levar os Estados Unidos a deflagrar a guerra, a Alemanha começou a fornecer armas e dinheiro, ora a uma facção, ora à outra.

A Alemanha tinha motivos para estar satisfeita com os resultados de sua intromissão. Na noite de 9 de março de 1916, com a muito provável cumplicidade alemã, Pancho Villa, o bandido analfabeto que controlava todo o Norte do México, inva-

diu a cidade de Columbus, no Novo México. Esse ataque, no qual foram mortos vários cidadãos norte-americanos, foi tão insensatamente provocador que a opinião pública não deixou a Wilson outra alternativa que a de enviar à fronteira o General Pershing numa expedição punitiva. Suas cuidadosas e limitadas invasões do México não lhe permitiram agarrar o esquivo Villa, mas logo produziram outros resultados, pois a presença de tropas norte-americanas no solo mexicano tornou-se um constante motivo de tensão nas relações dos Estados Unidos com o México.

O Almirante Hall conhecia esse estado de coisas e sabia também das apreensões com que muitos norte-americanos viam as metas guerreiras alemãs. Ele acreditava que o telegrama de Zimmermann era um instrumento capaz de destruir a neutralidade dos Estados Unidos—se pudesse ser utilizado. Esse “se” era o seu problema. Entregar o telegrama a Arthur Balfour, Ministro das Relações Exteriores, para que ele o usasse como lhe aprouvesse em Washington, seria arriscar tudo na possibilidade de atrair os norte-americanos para a guerra. Mas, supondo que não desse certo, ele teria arriscado o código sem ganhar nada.

Hall encontrava-se num angustiioso dilema. Teria ele o direito de esconder de seu governo o que sabia? Ele hesitava. Mas os anos que passara no posto de comando a bordo o haviam ensinado a tomar decisões sozinho. Provisoriamente decidiu guar-

dar o telegrama no seu cofre particular. Talvez quando os Estados Unidos se inteirassem da guerra submarina total da Alemanha se resolvessem sòzinhos a entrar na guerra. Se não o fizessem, poderia ser usado o telegrama. Mas o dia 1.º de fevereiro ainda estava uma quinzena à frente, e nesse ínterim êle poderia encobrir os rastros da Sala 40.

NO DIA 22 de janeiro, Woodrow Wilson fêz o seu último e mais eloquente apêlo em favor da paz. Pronunciou no Senado o famoso discurso de “paz sem vitória”, mas dirigiu-o, em sua mente, mais aos povos do mundo do que aos governantes. Bernstorff (que, depois da guerra, se dedicou inteiramente à Liga das Nações e que, com o advento de Hitler, abandonou a Alemanha para nunca mais voltar) respondeu-lhe esperançosamente e pediu a Berlim pelo menos um período de graça para os navios neutros. Assim, acreditava êle, Wilson redobraria seus esforços pela paz. Em Berlim o Chanceler von Bethmann Hollweg recebeu a idéia com simpatia, mas foi lacônicamente informado por seu Almirantado de que era tarde demais—que muitos submarinos alemães já se encontravam em alto-mar.

No dia 31 de janeiro, no último momento possível, o Govêrno dos Estados Unidos foi informado da guerra submarina. Às 16 horas, término do expediente, Bernstorff entregou a comunicação oficial ao Secretário de Estado Lansing.

O desafio do poderio alemão, tantas vêzes evitado pelas notas e discursos pacíficos de Wilson, tinha sido agora atirado à face dos Estados Unidos. A liberdade dos mares, comentava um jornal norte-americano, seria a partir de então desfrutada “pelos *icebergs* e pelos peixes”. Durante três dias o mundo esperou ansiosamente para ver o que fariam os Estados Unidos. No dia 3 de fevereiro, Wilson anunciou sua decisão. Bernstorff receberia seu passaporte e as relações diplomáticas com a Alemanha seriam cortadas. Mas enquanto a Alemanha não cometesse “atos realmente declarados” contra os Estados Unidos, Wilson continuava decidido a não permitir que a provocação alemã o levasse à guerra, se houvesse meios de evitá-lo. “Recuso-me a acreditar”, disse êle ao Congresso, “que seja intenção das autoridades alemãs fazerem de fato o que nos avisaram que se sentem com liberdade para fazer.”

Em Londres, o Almirante Hall achou desencorajador o discurso de Wilson. Depois de tudo, os norte-americanos não iam mesmo entrar na guerra. Não restava outra alternativa que a de utilizar o telegrama de Zimmermann. No dia 5 de fevereiro, Hall abriu seu cofre, retirou aquêle documento tão cuidadosamente guardado e dirigiu-se ao Ministério das Relações Exteriores. A mensagem ainda estava incompleta e imprecisa em alguns lugares, mas já havia o bastante para mostrar que a Sala 40 tinha em mãos o maior

golpe da guerra, e Balfour exultou ao conhecê-la.

Restava, porém, a questão de como usar o telegrama. Hall achava que, para se poder usá-lo, era preciso antes conhecer as passagens que faltavam, e que deviam ser completados os planos para ocultar o fato de que a Sala 40 conhecia o código.

Hall tinha imaginado um estratagem para iludir os alemães. Se pudesse obter uma cópia do telegrama enviado por Bernstorff ao México, raciocinava êle, teria pequenas mas significativas diferenças de data, enderêço e assinatura em relação ao original enviado por Zimmermann a Bernstorff. Se essa fôsse a cópia divulgada, os alemães perceberiam a diferença e imaginariam que a interceptação fôra efetuada em algum lugar do continente americano. Certos da inviolabilidade de seu código, acabariam acreditando que uma cópia já decifrada do telegrama tinha sido roubada depois de chegar a seu destino. Poriam a culpa na falta de cuidado, na traição ou em algum espião dentro de suas próprias embaixadas em Washington ou no México. A atuação da Sala 40 nem seria suspeitada. E os alemães acabaram agindo exatamente como fôra previsto.

No dia 10 de fevereiro, trabalhando por meio de um agente que tinha acesso à sede dos telégrafos mexicanos, Hall conseguiu obter uma cópia do telegrama de Zimmermann tal como fôra recebido de Bernstorff

na Cidade do México. As pequenas diferenças que continha em seu texto eram exatamente o que Hall esperava, oferecendo, portanto, perfeita proteção para a Sala 40.

Em 19 de fevereiro, Montgomery e Grey completaram a decifração das passagens que faltavam. Eram as mais comprometedoras para os alemães, porque revelavam uma promessa germânica de ajudar o México, a "reaver por conquista seus territórios perdidos no Texas, Arizona e Nôvo México". Quando pôde contar com êsse material, Hall informou Balfour de que chegara o momento de fazer a revelação à Embaixada dos Estados Unidos em Londres.

O TELEGRAMA de Zimmermann, devidamente entregue a Wilson por Walter, Embaixador em Londres, e por Lansing, Secretário de Estado, era um documento que o Presidente não poderia desprezar. Além do mais, chegava num momento de especial importância.

Desde a declaração alemã sobre a guerra submarina total, os navios norte-americanos, relutantes em se fazerem ao mar, atravancavam os portos. Cargas de trigo, algodão e todo tipo de suprimentos iam-se empilhando e, a menos que fôsse dada ordem para colocar artilheiros a bordo dos navios mercantes, com ordens para atirar à vista do inimigo, o sagrado direito de singrar o alto-mar deixaria de ser exercido, com desastrosas conseqüências econômicas.



Wilson queria armar os navios, não como um passo para a guerra, mas como um último recurso contra ela. Esperava que isso impedisse o “ato declarado” dos alemães, que tornaria a guerra inevitável. Cabia a êle o direito executivo de ordenar que os navios se armassem, mas o uso de armas era um passo de grave importância, para o qual êle queria a aprovação do Congresso—e aí havia uma ponderável facção que se opunha a essa iniciativa. Examinando o telegrama de Zimmermann, viu nêle o meio de assegurar a aprovação do Legislativo, pois publicando-o acreditava que poderia obrigar o Congresso a aprovar uma Lei de Navios Armados.

Para evitar a impressão de que buscava influenciar o Congresso, adiou a publicação do telegrama para três dias depois de propor a lei. E então a notícia foi distribuída extra-oficialmente pela Associated Press. A AP foi esclarecida sobre

aquelas circunstâncias e jurou manter segredo. As perguntas posteriores da imprensa foram respondidas com vagas sugestões de que o telegrama tinha sido obtido no México, ou em Washington, ou até mesmo, possivelmente, na Alemanha, mas que a insistência em esclarecimentos adicionais poderia pôr em perigo a vida do agente responsável.

A notícia apareceu em manchetes de oito colunas nos matutinos de quinta-feira, 1.º de março. Dizia o título do *Times* de Nova York: ALEMANHA TENTA ALIANÇA CONTRA OS ESTADOS UNIDOS, SOLICITANDO APOIO DO JAPÃO E DO MÉXICO; TORNADO PÚBLICO O TEXTO COMPLETO DE SUA RESPOSTA.

Os Estados Unidos ficaram emocionalmente abalados de ponta a ponta. Quando os congressistas chegaram ao Capitólio nessa manhã, havia em tôdas as mãos jornais denunciando o complô alemão. Na Câmara dos Deputados irrompeu a ora-

tória patriótica, e a Lei de Navios Armados foi aprovada por 403 votos contra 13.

No Senado, entretanto, houve uma orgia de retórica contestando a autenticidade do telegrama de Zimmermann. Isso foi provocado pelo Senador Henry Cabot Lodge, porta-voz dos sentimentos pró-Aliados. Quando leu seu matutino, Lodge percebeu instantaneamente que Wilson e a guerra tinham sido colocados em suas mãos. O Presidente, confidenciou Lodge a Theodore Roosevelt, tinha fornecido um instrumento de “uso quase ilimitado para forçar a situação”. Se Wilson pudesse ser obrigado a dizer que o telegrama era autêntico, automaticamente estaria “amarrado”, porque o país se enraivecera com a Alemanha e Wilson não teria maneira de fugir às conseqüências.

Imediatamente ao chegar ao Senado, Lodge apresentou um requerimento pedindo uma declaração do Presidente a respeito do telegrama de Zimmermann. Depois recostou-se na sua cadeira e ficou a observar o desenrolar dos fatos exatamente como êle desejava. Todos os senadores pacifistas prontamente expressaram suas mais profundas suspeitas quanto às origens do telegrama; e, quanto mais discutiam, mais impunham a Wilson a necessidade de se manifestar publicamente sobre êle.

O ALMIRANTE HALL tinha previsto a situação e estava preparado para enfrentar o cepticismo norte-ameri-

cano a respeito do telegrama. Êle pedira ao Departamento de Estado norte-americano que obtivesse uma cópia dos arquivos da Western Union (pois Bernstorff enviara o telegrama para o México pelo telégrafo comercial) e a remetesse para Londres. Então Grey levaria os códigos alemães à Embaixada dos Estados Unidos em Londres e novamente decifraria o telegrama à vista de um diplomata norte-americano.

Nesse ínterim, a confirmação do telegrama de Zimmermann fôra encontrada nos próprios arquivos do Departamento de Estado—comprovou-se que “uma mensagem em código, excepcionalmente extensa, com cerca de 1 000 grupos”, havia chegado para Bernstorff, pelo fio do Departamento de Estado, no dia 17 de janeiro. Como a extensão e a data combinavam, tornava-se por demais evidente não se tratar de mera coincidência, e, além disso, as circunstâncias eram particularmente afrontosas. Em seus esforços para manter as conversações de paz com Berlim, Wilson havia permitido a Bernstorff o privilégio altamente irregular de enviar e receber mensagens em código alemão pelo fio do Departamento de Estado—mas pensando que tais mensagens fôsem exclusivamente reservadas ao tema da paz. Mas Zimmermann, com fria desfaçatez, enviara uma cópia de seu telegrama por aquêle fio, além de transmiti-lo por rádio.

Irritado com esta prova de perfídia alemã e pela continuada o-

sição no Senado à Lei de Navios Armados, Wilson nem esperou pela confirmação da Embaixada dos Estados Unidos em Londres. Antes mesmo, assinou e remeteu ao Senado uma declaração preparada pelo Secretário de Estado Lansing, a qual afirmava que o Govêrno estava de posse de provas da autenticidade do telegrama, que elas tinham sido "obtidas durante esta semana", e que mais pormenores não podiam ser revelados. A armadilha de Lodge funcionou às mil maravilhas.

"Ele não pensa em chegar à guerra", disse Lodge a propósito do terrível dilema de Wilson, "mas acho que êle controla os acontecimentos."

Mesmo assim, os fatos não se alteraram rapidamente. Os mexicanos e os japoneses negaram saber da existência do telegrama de Zimmermann (não tinham recebido tal mensagem, diziam êles) e, a despeito da declaração do Presidente Wilson, muitíssimos norte-americanos duvidavam da autenticidade do telegrama. Os alemães, que tinham ficado perplexos e incrédulos pela divulgação da mensagem, de início permaneceram calados. Mas considerava-se inevitável que Zimmermann desafiasse os Estados Unidos a provar a autenticidade do telegrama; e as autoridades estadunidenses, prêsas à Grã-Bretanha por um juramento de segrêdo, imaginavam desesperadamente o que diriam. Então, para alívio e estupefação de todos os interessados, Zimmermann inexplicavelmente confessou a autoria do telegrama.

Não se sabe o que teria levado o esperto e engenhoso Zimmermann a cometer êsse êrro histórico. O certo é que êle não foi reparado pela defesa, então unânimemente oferecida pela imprensa alemã, de que a proposta contida no telegrama era uma preliminar perfeitamente correta, que jamais tinha sido comunicada ao Govêrno Mexicano. O México jamais se inteiraria da aliança, dizia a imprensa alemã, se os Estados Unidos não tivessem obtido o telegrama por "traição" e o tivessem divulgado, numa amostra típica da hipocrisia wilsoniana para influenciar o Congresso.

Nos Estados Unidos, o efeito da confissão de Zimmermann foi imediato e explosivo. Até aquêle momento talvez 75% do povo ainda encarassem a guerra com indiferença. O afundamento do *Lusitania* em 1915 chocara profundamente a nação. Desde então a maioria dos norte-americanos tinha ficado insensível ao repetido torpedeamento de navios mercantes e não poderia ser levada à febre guerreira pelo que acontecia à gente que decidiu cruzar o oceano em navios beligerantes durante uma guerra. Aquilo, porém, era diferente. Era a Alemanha conspirando com um vizinho dos Estados Unidos para apoderar-se de território norte-americano; e, o pior, conspirando para colocar nas costas dos Estados Unidos um inimigo oriental. A compreensão disso liquidou os últimos remanescentes significativos de pacifismo e convenceu

os norte-americanos de que, querendo ou não, êles já estavam envolvidos na guerra.

EM BERLIM, Zimmermann tentava freneticamente descobrir como fôra furtado o telegrama. A possibilidade de que o código alemão tivesse sido decifrado nunca entrou em cogitações. Ao contrário, decidiram os alemães que, devido à falta de cuidado de alguém, uma cópia decifrada havia caído nas mãos do inimigo, e, portanto, Bernstorff ou Eckhardt teria de ser o bode expiatório.

Dando instruções a Eckhardt para “queimar tôdas as instruções comprometedoras”—o que foi, certamente, o mais fútil fechamento de porta arrombada da História—Zimmermann crivou-o de telegramas solicitando detalhes de como eram manuseadas as mensagens. Eckhardt negou peremptoriamente que a traição pudesse ter ocorrido no México, e sugeriu que, em Washington, era hábito de Bernstorff fazer cópias adicionais “até de telegramas secretos”. Então, para grande divertimento da Sala 40, que tudo ouvia através do mesmíssimo código diplomático não alterado, Eckhardt explicou que, no México, para evitar qualquer possibilidade de furto de cópias, os telegramas secretos tinham apenas o original, e êste lhe era lido por seu secretário “durante a noite, em voz baixa”.

Bernstorff, forçado a abandonar Washington quando Wilson rompeu relações diplomáticas com a Alema-

nha, encontrava-se então no transatlântico dinamarquês *Frederik VIII*, a caminho da pátria. Estava, portanto, fora do alcance das perguntas de Zimmermann. Não estava, porém, a salvo das longas garras do Almirante Hall.

Os ingleses tinham concedido salvo-conduto ao alemão—com a condição de que o navio se detivesse em Halifax para ser vistoriado. Quando lá chegou, em 15 de fevereiro, um enxame de policiais aduaneiros canadenses abordaram o *Frederik VIII* e realizaram uma busca de proporções épicas na bagagem, nas cabinas, nas roupas e até nos corpos de todos os passageiros. Por fim, o *Frederik VIII* acabou detido 12 dias em Halifax.

O caso é que o Almirante Hall, que fôra leitor assíduo dos apaixonados esforços de Bernstorff para impedir que seu govêrno levasse os Estados Unidos à guerra, não queria dar oportunidade à fôrça persuasiva do embaixador. Uma vez em seu país, e em contato pessoal com os líderes alemães, Bernstorff poderia até persuadi-los a aceitarem a mediação pacifista de Wilson. Hall queria que antes o telegrama de Zimmermann desse resultado.

O almirante tinha preparado algo mais para o infeliz Bernstorff. Na Alemanha, o embaixador teve frio acolhimento devido a uma história sensacional que circulava então pela imprensa. De acôrdo com informações londrinas, o Ministério das Relações Exteriores da Grã-Bretanha estava interessado no conteúdo de

uma mala que o ministro sueco em Washington colocara junto da bagagem de Bernstorff, a bordo do *Frederik VIII*. A insinuação era que a mala continha os documentos mais secretos de Bernstorff, colocados entre os papéis suecos, tudo fechado com o selo sueco. Com base nesta alegada violação de neutralidade, os ingleses tinham confiscado a mala e a estavam examinando.

Foi divulgado que, antes de eles tomarem posse da mala, os fechos tinham sido arreventados, em algum ponto entre Nova York e Halifax, entre os dias 14 e 16 de fevereiro. As datas combinavam; e a imprensa mordeu a isca. Ali estava a resposta para a grande pergunta—como fôra obtido o telegrama. Algum agente norte-americano muito esperto conseguira chegar até à mala na baía de Nova York e tirar o original dentre os papéis de Bernstorff.

Existia efetivamente uma mala sueca, e as autoridades britânicas suspeitando da neutralidade sueca, tinham-na aberto com efeito. Mas a idéia dos fechos violados fôra um plano do Almirante Hall para fazer crer que o telegrama havia sido descoberto na América.

Nos ESTADOS UNIDOS, os acontecimentos evoluíam celeremente. Em 4 de março o Congresso suspendera os trabalhos sem aprovar a Lei de Navios Armados. Wilson enfureceu-se contra “êsse pequeno grupo de homens voluntariosos que não representavam outra opinião senão a

dêles mesmos”, responsabilizando-os a êsse respeito, e, em 12 de março, usando sua autoridade executiva, deu ordem para que os navios fôssem armados. Nesse ínterim, os submarinos alemães estavam transformando em cemitério os acessos marítimos à Grã-Bretanha; em 18 de março, três navios norte-americanos foram afundados sem prévio aviso por submarinos. Em 20 de março, o Presidente Wilson reuniu-se com seu gabinete e testemunhou seu voto unânime a favor da guerra. Como era seu hábito, deixou a sala sem comprometer-se pessoalmente. Mas naquela noite deve ter-se decidido finalmente. No dia seguinte, 21 de março, reconvoceu o Congresso para 2 de abril para ouvir uma mensagem referente a “graves assuntos de política nacional”.

Na véspera do discurso que assinalaria um hiato na História, êle pediu a um amigo, Frank Cobb, diretor do *World* de Nova York, para visitá-lo na Casa Branca. Wilson contou a Cobb que êle estava seguro de que a entrada dos Estados Unidos na guerra significaria “que a Alemanha seria derrotada, e tão seriamente derrotada que haveria uma paz imposta, uma paz vitoriosa”, sem que nenhum espectador tivesse “suficientes poderes para influenciar as condições”. Mas êle não via alternativa.

E não havia mesmo. Às 22h 30m do dia seguinte, êle enfrentou uma sessão conjunta do Congresso. Citando o emprêgo de submarinos e o

telegrama de Zimmermann como algumas das provas de que era intenção do Governo Alemão agir contra a segurança dos Estados Unidos, êle aconselhava o Congresso a “declarar que o recente comportamento do Governo Imperial Alemão não era, de fato, outra coisa senão guerra ao Governo e ao povo dos Estados Unidos”.

Amontoados na sala, os membros de ambas as Casas do Congresso, a Côrte Suprema, o Gabinete, o Corpo Diplomático, a imprensa e os visitantes que enchiam as galerias escutavam com os nervos tensos. A peroração incluiu as frases que todos conhecem, quando Wilson declarou que o Governo Alemão era um “inimigo natural da liberdade”, que “o mundo deve ser tornado seguro para a democracia”, “que o direito é mais valioso do que a paz”, que os Estados Unidos deviam lutar “pelos princípios que lhe deram nascimento”, que, “com a ajuda de Deus, os Estados Unidos não podem fazer outra coisa”.

“Um rugido como de tempestade” aclamou a mensagem do Presidente,

escreveu um repórter. Para os Aliados, aos quais o discurso finalmente deu uma promessa de vitória, a ocasião foi, como a qualificou mais tarde um historiador britânico, “uma das mais dramáticas da História”.



Três meses antes, Wilson dissera que seria “um crime contra a civilização” levar os Estados Unidos à guerra. Teria sido o telegrama de Zimmermann o que finalmente mu-

dara sua maneira de pensar? A resposta não pode ser dada. Provavelmente, o mais próximo da verdade seria dizer que uma conjuntura de acontecimentos levava Wilson a um ponto em que não havia alternativa. Como afirmou Lorde Birkenhead: “Os Estados Unidos foram empurrados à guerra contra os esforços quase frenéticos do Presidente Wilson.”

O empurrão que impeliu o povo —tivesse ou não o mesmo efeito sobre o Presidente—foi o telegrama de Zimmermann. Êle despertou aquela porção do país que antes estava indecisa ou indiferente. “Em

um dia”, disse o Secretário de Estado Lansing, êle transformara a apatia dos Estados do Oeste numa “intensa hostilidade à Alemanha, uma mudança de opinião pública que, de outra forma, teria demorado meses.”

Se o telegrama nunca tivesse sido interceptado ou divulgado, alguma outra atitude alemã teria inevitavelmente levado os Estados Unidos à guerra. Mas já seria tarde e, se os Estados Unidos tivessem demorado mais, talvez os Aliados tivessem sido obrigados a negociar a paz. Assim foi que o Almirante Hall alterou o rumo da História.

(Tradução de Francisco Velloso Crestana)



SEGUNDO um primo seu, Mark Twain visitou certa vez o museu de cêra de Madame Tussaud e ficou parado uma porção de tempo diante de uma estátua muito bem-feita. Despertando de sua contemplação por súbita pontada do lado, virou-se e deu de cara com uma assombrada senhora inglêsa com a sombrinha ainda apontando para êle.

—Nossa! Está vivo!—gritou ela, e afastou-se rapidamente.

—John T. Tussaud, *The Romance of Madame Tussaud* (Odhams, ed.), citado por Vincent Starrett, em *Tribune* de Chicago



ESTÁ SENDO realizada uma pesquisa entre os ex-alunos da Universidade Brown para descobrir as relações entre os primeiros interêsses acadêmicos e as subseqüentes carreiras de negócios e profissionais. Uma parte do questionário trata de “vários problemas em seu lar ou em sua educação que possam ter tido um impactto significativo sobre você”. Uma dentre nove possibilidades era expressão como: “Fui ofuscado por um sucesso fraterno.”

Um funcionário da universidade, que leu o questionário, perguntou a um amigo se êle fôra ofuscado por um sucesso fraterno.

—Não—disse o outro.—Mas tive um irmão mais velho que era mais inteligente do que eu.

—*Brown Alumni Monthly*